

# **Gênero e Ciência: um estudo sobre as físicas bolsistas em produtividade do CNPq**

**Jéssika Martins Ribeiro<sup>1</sup> & Moema de Castro Guedes<sup>2</sup>**

1. Bolsista de Iniciação Tecnológica PIBIT/CNPq, Discente do Curso de Ciências Sociais; 2. Professora Adjunta de Sociologia do Departamento Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFRRJ.

*Palavras-chave: gênero, ciência, androcentrismo*

## **Introdução**

Os estudos de gênero e ciência se inserem num campo de pesquisa ainda muito incipiente no Brasil. Nos Estados Unidos surgiram com força na década de 1970, junto com a ascensão da segunda onda do movimento feminista e com a institucionalização dos estudos de gênero nas universidades, dando origem a chamada teoria feminista (Lowy, 2009). Nessa teoria as acadêmicas denunciavam a invisibilidade das mulheres no meio científico. Autoras como Joan Scott (1998) e Michelle Perrot (1988) alertavam a necessidade de construir uma história das mulheres que as evidenciassem enquanto sujeito coletivo. Nas Ciências Naturais, autoras como Evellyn Fox Keller (2006) e Sandra Harding (2007) alertavam a necessidade de questionar o afastamento que a ciência propunha de tudo aquilo que era feminino. Para Fox Keller (Ibid), a teoria feminista apresentava as alternativas sobre as ciências e as mulheres numa perspectiva feminista, tornando a ciência mais objetiva e independente do gênero, portanto, mais acessível às mulheres.

## **Material e Métodos**

O presente trabalho é resultado das atividades realizadas no âmbito do projeto de pesquisa *Gênero e Ciência: uma análise das mulheres nas carreiras acadêmicas a partir dos anos 1990 no Brasil*, coordenado pela professora Moema de Castro Guedes. A proposta metodológica partiu através de um levantamento bibliográfico sobre gênero e ciência, em particular a literatura sobre o lugar subalterno das mulheres na ciência. As análises abaixo são frutos de dois bancos de dados. O primeiro trata-se de um banco elaborado pelo próprio Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no qual o órgão mapeia seu universo de bolsas por sexo e idade do pesquisador contemplado no período de 2001 a 2012 com bolsas de produtividade em pesquisa (PQ). No segundo reunimos informações sobre idade, sexo, formação, condição de bolsista, nível de bolsa entre outras informações sobre os docentes dos programas com notas 6 e 7 da área da Física no intuito de mapearmos a presença feminina em ambos.

## **Resultados e Discussão**

Historicamente a ciência sempre foi vista como uma atividade de homens. Londa Schiebinger (2001) aponta que a história das mulheres nas ciências é feita de avanços e recuos, embora as mulheres ingressem nas carreiras ditas masculinas, elas não conseguem conquistar postos de comando ou destaque. A Física é notoriamente reconhecida por ser uma área tradicionalmente masculina. Estudos recentes apontam que muitas mulheres ingressam nos cursos de graduação em Física, no entanto, desmotivadas pelas desigualdades de gênero entre seus pares optam por não seguir na carreira científica.

A tardia participação das mulheres na Física se explica, sobretudo, pela natureza excludente da institucionalização da ciência e do caráter eminentemente internacional que ela tem. Esse histórico explica a demora da inserção e reflete até hoje no baixo percentual de mulheres na área (Barbosa; Lima: 2013). Criadas em 1976, como incentivo à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico, as bolsas de produtividade em pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) se caracterizam como o mais alto nível de reconhecimento dos pesquisadores desta instituição. O banco de dados elaborado permitiu uma série de análises que apresentam um panorama das físicas entre os bolsistas. Tais análises deixam evidente a diferenciação de distribuição de bolsas entre homens e mulheres. Das 822 pessoas listadas apenas 112 são mulheres, delas somente 76 são bolsistas de produtividade do CNPq, enquanto os homens somam 488 ao todo. Em termos gerais é interessante salientar que a Física é uma das áreas que mais tem bolsas, são ao todo 564 bolsas nos programas com nota 6 e 7.

Os dados referentes à presença de professores nos programas também evidencia a disparidade entre homens e mulheres. No curso de Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR), por exemplo, dos 15 docentes apenas 01 é mulher e a única não bolsista de produtividade. A realidade não é diferente na Universidade de Campinas (Unicamp), 108 docentes compõem o programa que tem apenas 9 mulheres como professoras.

No que tange a distribuição relativa dos bolsistas de produtividade por nível de bolsa e sexo reitera-se o que diversas autoras afirmaram no levantamento bibliográfico realizado: o peso relativo feminino diminui conforme aumenta o nível hierárquico, a presença das mulheres vai afunilando de acordo com a proximidade com o topo, em alguns casos. O banco de dados da Física revela que hoje nenhuma mulher é bolsista de produtividade na categoria sênior, o topo da carreira. As mulheres tem relativa presença nas categorias mais baixas. Elas são 12% no nível 1D, 15% no nível 2 e 16% na 1C.

Os dados referentes ao sexo do orientador nos permite a trajetória acadêmica desses docentes. O gráfico revela a distribuição dos bolsistas de produtividade de acordo com o próprio sexo e do orientador de doutorado. Percebemos assim que as mulheres têm tendência em orientar mulheres. Enquanto as orientadoras somam 12,5% para as mulheres, para os homens elas são meros 5,6%. Esses e outros dados coletados pela pesquisa evidenciam a baixa presença das mulheres na Física e a necessidade de políticas de incentivo a participação feminina no meio científico.

### Conclusão

Por meio dessa pesquisa concluiu-se que a progressão da carreira científica das físicas em comparação ao de seus colegas permanece estagnada, o que sugere dinâmicas do chamado labirinto de cristal. A literatura sobre o tema afirma que apesar de tão qualificadas quanto seus pares as mulheres não assumem postos de decisão nem cargos de liderança nas instituições de pesquisa e nas universidades. A divisão sexual do trabalho é outra questão importante que surgiu na literatura e os dados confirmaram através do aumento do peso feminino nas idades mais elevadas dentro do quadro de bolsistas de produtividade. Por isso, salientamos a importância de políticas e programas de governo que incentivem a participação feminina no meio científico e acadêmico, sobretudo, nas chamadas carreiras masculinas (ou nas ciências duras). O ingresso de mulheres nessas áreas amplia o campo de conhecimento e questionamentos e desestabiliza o sujeito universal homem como o centro da ciência moderna e seus estudos.

### Referências Bibliográficas

- LÖWY, Ilana. Verbetes Ciências e Gênero. **Dicionário crítico do feminismo**. Hirata et al (org). São. Paulo: Ed. UNESP, 2009. p 40-44
- HARDING, Sandra. Gênero, democracia e filosofia da Ciência. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 163-168, jan./jun. 2007.
- KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cad. Pagu** [online]. 2006, n.27, pp. 13-34. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/cpa/n27/32137.pdf](http://www.scielo.br/pdf/cpa/n27/32137.pdf). Acesso em: 23 jul.2014
- Marcia C. Barbosa; Lima, Betina S. Mulheres na Física do Brasil: Por que tão poucas? E por que tão devagar? **Trabalhadoras – Análise da Feminização das Profissões e Ocupações**, Yannoulas, Silvia Cristina (Coord.) – Brasília: Editorial Abaré, 2013
- OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v. 5 n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. Trad. Denise Bottmann. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988
- SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC. 2001
- SCOTT, Joan. História das mulheres. **A Escrita da História – novas perspectivas**. Burke, P. (org.) Trad. Lopes, M. 4ª ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.